

OS USOS DE *SEU* E *DELE* NA FALA DE UNIVERSITÁRIOS SERGIPANOS

THE USES OF *SEU* AND *DELE* IN THE SPEECH OF UNIVERSITY STUDENTS OF SERGIPE

Viviane Novais*

Manoel Siqueira**

Fernanda Rodrigues***

RESUMO: Nesta pesquisa, descrevemos os usos de *seu* e *dele* referentes de 3ª pessoa no português falado por universitários do estado de Sergipe. Com base em McKay e Fulkerson (1979), consideramos que os pronomes *seu* e *dele*, além de atuarem como substitutos, assumem função de determinação de seus antecedentes. A partir do método descritivo/inferencial, e com apoio da Sociolinguística Variacionista, fizemos a quantificação e análise de 34 entrevistas sociolinguísticas – retiradas do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013) – feitas com falantes universitários das cidades sergipanas de Aracaju, Itabaiana e São Cristóvão. Obtivemos um total de 392 realizações do fenômeno, sendo 50% (197/392) para a forma *dele*. Notamos que há produtividade dos possessivos como dominantes, embora com baixa frequência (6% 24/392), predominando a função substituta. As demais variáveis independentes apontam que os possessivos de 3P ocorrem em contextos específicos de uso.

PALAVRAS-CHAVE: Possessivos. Variação. *Seu/dele*. Função pronominal.

ABSTRACT: In this paper, we describe the uses of *seu* and *dele*, referents of the 3rd person, in Portuguese spoken by university students from the state of Sergipe. Based on McKay and Fulkerson (1979), we consider that the pronouns *seu* and *dele*, besides acting as substitutes, assume the function of determining their predecessors. Departing from the descriptive/inferential method, and with the support of Variationist Sociolinguistics, we performed the quantification and analysis of 34 sociolinguistic interviews – taken from the Falares Sergipanos database (FREITAG, 2013) – made with university speakers from the cities of Aracaju, Itabaiana and São Cristóvão. We obtained a total of 392 realizations of the phenomenon, 50% (197/392) for the variant *dele*. We note that there is productivity of the possessives as dominant, although with low rates (6% 24/392), the substitute function predominates. The other independent variables indicate that 3P possessives are found in specific contexts of use.

KEYWORD: Possessives. Variation. *Seu/dele*. Pronominal Function.

*Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). E-mail: vivianenovais18@hotmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4068-3750>.

**Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). E-mail: manoelsiq@academico.ufs.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5928-3450>.

***Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). E-mail: rodriguesfernanda@hotmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8060-8769>.

1 INTRODUÇÃO

Os pronomes possessivos são tradicionalmente considerados como semanticamente vazios, dêiticos que orientam a atenção do interlocutor para referentes do mundo (BENVENISTE, 1995; CAMARA JR., 1964; MACKAY; FULKERSON, 1979). Em sentenças como (1), o possessivo indica o nome *lado* para o interlocutor, não atuando na construção do sentido da frase.

(1) Eu passei pelo *seu* lado.

MacKay e Fulkerson (1979) propõem que o possessivo, além de semanticamente vazio, determina a construção do sentido: a hipótese da dominância pronominal. Nela, o valor lexical de um pronome determina a interpretação de seu antecedente. Em sentenças como (2), a interpretação de *policia* como feminino só é possível por meio da inserção do pronome *dela*.

(2) Policial precisou sair cedo do trabalho para buscar a filha *dela* na escola.

Os pronomes de 3ª pessoa (*seua/s* ou *dele/a/s*) se encaixam na hipótese da dominância pronominal. No português brasileiro (PB), há variação no uso desses possessivos e sua atuação vai além da troca pronominal. Müller (1997) defende que há uma especialização entre as variantes: “*seu* é a forma escolhida para funcionar como variável presa; e *dele*, a forma escolhida para expressar correferência” (MÜLLER, 1997, p. 22, *grifos da autora*)¹.

Para além dessa especialização, neste trabalho, defendemos que a variante *dele* determina a construção do sentido no enunciado, já que estabelece uma

¹Variáveis presas têm seu valor atribuído totalmente pelo seu antecedente. Variáveis correferenciais, por sua vez, tem sua interpretação determinada pelo contexto (cf. MÜLLER, 2001).

relação mais direta com o elemento que o antecede por conta dos traços de concordância em gênero e número, não presente na variante *seu* (que concorda com o elemento “possuído”), confirmando a hipótese da dominância pronominal (MACKAY; FULKERSON, 1979). Para observar o comportamento desses possessivos, analisamos a fala de universitários de três cidades sergipanas: Aracaju, Itabaiana e São Cristóvão. Controlamos também como variáveis independentes *animacidade do referente*, *distância do referente* e *antecedente semântico*, para observarmos se o que é apontado por Müller (1997) ocorre em nossos dados.

2 AS VARIANTES *SEU/DELE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No PB, observamos a seguinte distribuição dos possessivos nas gramáticas de Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2008):

Quadro 1 - Pronomes possessivos segundo Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2008)

SINGULAR	1ª pessoa	meu	minha	meus	minhas
	2ª pessoa	teu	tua	teus	tuas
	3ª pessoa	seu	sua	seus	suas
PLURAL	1ª pessoa	nosso	nossa	nossos	nossas
	2ª pessoa	vosso	vossa	vossos	vossas
	3ª pessoa	seu	sua	seus	suas

Fonte: Elaborado pelos autores com dados extraídos de Bechara (2015, p. 174) e Cunha e Cintra (2008, p. 333).

Não encontramos a variante *dele* na 3P no Quadro 1. Breves considerações são feitas em tópicos à parte, especialmente para tratar da ambiguidade. Bechara (2014, p. 189) aponta que “o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu, sua, seus, suas* pelas

formas *dele, dela, deles, delas, de você, do senhor, etc.*”. Cunha e Cintra (2008, p. 335) afirmam que “o fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor”.

Embora as gramáticas conservem os possessivos de 3P incluindo apenas *seu* e flexões, mudanças no quadro dos possessivos ocorreram e não são consideradas nos compêndios. A entrada de *você* no paradigma pronominal de segunda pessoa, por exemplo, provocou uma reestruturação no quadro de pronomes do português falado no Brasil. Com o uso do pronome possessivo *seu* no paradigma de 2P, o pronome *dele* se tornou cada vez mais frequente na 3P, como estratégia para evitar a ambiguidade, já que o uso do pronome *seu* pode gerar esse efeito (LOPES, 2007). Passou-se então a utilizar o pronome *dele* para demarcar melhor quem é o possuidor e a quem se está fazendo referência, evitando a confusão na interpretação.

Pesquisas sociolinguísticas evidenciam que o uso do pronome *dele* como variante de 3P é bem maior do que o uso de *seu*. Oliveira e Silva (1982), utilizando dados de fala de três alunos de curso superior e um do então segundo grau e cinco jovens semialfabetizados que faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), descreve que o pronome *dele* é mais recorrente para possuidores [+humanos] e menos recorrente para possuidores [-humanos]. A frequência da variante *dele* é de 75% nos dados orais.

Com dados do *Corpus Censo* (anos 80), Oliveira e Silva (1996) observa que a frequência geral de *dele* é de 91,6% (1144/1249), um grande acréscimo na frequência, se compararmos ao estudo anterior. A autora demonstra que a alta frequência de *dele* pode ser explicada pelo predomínio dos meios de comunicação oral e a baixa influência da língua escrita, já que para ela o uso de *seu* está atrelado à língua escrita e formal. Oliveira e Silva (1996, p. 178) afirma que “na forma *dele* o falante evita o pronome *ele*, totalmente referencial, definido, e marcado quanto ao gênero, para servir como possessivo a um referente indefinido, sem referência,

e geral quanto ao gênero”. A autora nota que a variante *dele* tende a retomar referentes [+animados], com 99,6% para possuidor humano e 100% para possuidor animal.

Outras pesquisas mostram que o uso do pronome *dele* de 3P tem sido mais recorrente quando está ligado a referentes determinados e específicos, como aponta o estudo de Soares (1999), desenvolvido com dados retirados da amostra VARSUL. Nos resultados gerais de 3P, o autor obteve uma frequência de 81% (1148/1415) da forma *dele*.

Em Natal (RN), Silva (2016), analisando tanto dados orais quanto dados escritos por meio do *corpus* Discurso & Gramática (composto por 40 dados orais e 40 dados escritos coletados na década de 90), observa que nos dados de fala há 86% (236/274) para a forma *dele*. Os dados são opostos na língua escrita, em que há predomínio da forma *seu*, com apenas 7% (8/116) da forma *dele*.

Müller (1997), abordando a discussão feita por Almeida (1993) sobre a variação *seu/dele*, fala que há uma especialização dessas variantes quanto ao seu eixo de referencialidade. Para a autora, enquanto a variante *dele* age com valor correferencial, retomando diretamente seus referentes, a variante *seu* age como uma variante presa, não tendo caráter correferencial, determinada pelo seu antecedente. Para tanto, Müller (1997) observa o comportamento desses possessivos com base em seu traço semântico: nos resultados de Almeida (1993), o predomínio da forma *dele* se dá quando o seu antecedente, o referente, é *específico* (76%) e *não-específico* (53%), enquanto o predomínio de *seu* ocorre quando o antecedente é *genérico* (94%). Com isso, “poderíamos dizer que a forma *dele* tende a retomar sintagmas nominais referenciais” (MÜLLER, 1997, p. 16).

Sendo correferente, a variante *dele* deve concordar em número e gênero com o seu referente, para que haja sua retomada. É com base nisso que apresentamos a proposta de MacKay e Fulkerson (1979), a hipótese da dominância pronominal.

3 A HIPÓTESE DA DOMINÂNCIA PRONOMINAL

Os pronomes são vistos em gramáticas ora como elementos que estabelecem uma relação entre um possuidor e uma coisa possuída² (CUNHA; CINTRA, 2008), ora como elementos que fazem referência a itens já estabelecidos no discurso, os antecedentes referenciais (BECHARA, 2015): o pronome possessivo *dele*, em (3), é semanticamente vazio, com sentido preenchido através de um elemento já citado no discurso.

(3) **Pedro** estava andando com o cachorro *dele*.

Em (3), *dele* faz referência ao possuidor *Pedro*. Na ausência deste, o possessivo ficaria deslocado, visto que não há referente para ele se relacionar. O valor do possessivo é atribuído por meio de um antecessor previamente utilizado no discurso (BECHARA, 2015). MacKay e Fulkerson (1979) adotam o nome de hipótese do pronome substituto (*pronominal surrogate hypothesis*) para essa ideia. Nela, “a natureza de um antecedente determina completamente a interpretação de um pronome” (p. 661, tradução nossa³). Os autores exemplificam com construções da língua inglesa que usam o pronome *it* e que age como substituto, mudando o sentido a cada uso (MACKAY; FULKERSON, 1979):

(4) “That school got *its* problems.”
(Essa escola tem *seus* problemas.)

(5) “I can hear what you said, but *it* doesn’t make sense to me.”
(Eu posso ouvir o que você disse, mas *isso* não faz sentido para mim.)

² Sobre essa consideração, recomendamos a discussão apresentada em Siqueira (2021).

³ No original: “the nature of an antecedent completely determines the interpretation of a pronoun” (MACKAY; FULKERSON, 1979, p. 661).

O pronome *it*, em (4), refere-se ao antecedente nominal *that school* (aquela escola). Já em (5), *it* se refere a toda uma sentença, *what you said* (o que você disse). O pronome não desencadeia nenhuma contribuição para a construção do sentido por si (MACKAY; FULKERSON, 1979), o que o faz ser apenas um pronome substituto.

O outro lado da proposta de MacKay e Fulkerson (1997) parte da ideia de que o pronome é determinante na construção do sentido: a hipótese da dominância pronominal (*pronominal dominance hypothesis*). Os pronomes não são elementos vazios e “o significado lexical de um pronome determina a interpretação de seu antecedente (MACKAY; FULKERSON, 1997, p. 661, tradução nossa⁴)”:

(6) “The president was walking with *her* daughter.”
(A presidenta estava andando com *sua* filha.)

(7) “The teacher has been teaching *his* students math.”
(O professor ensinou *seus* alunos matemática.)

A presença do pronome *her* (sua) em (6), um possessivo de 3PS estritamente feminino, determina o sentido no SN *the president* (a presidente), evidenciando que uma mulher que preside estava andando com a filha. O mesmo em (7), em que o pronome *his* (seus), de 3PS e masculino, leva-nos a compreensão de que o SN *the teacher* (o professor) se refere a um professor do gênero masculino. O elemento referencial, o possessivo, determina a interpretação de ambos SN.

Os principais desenvolvimentos em relação à diferença no valor semântico dos pronomes estão relacionados aos usos das formas linguísticas para marcar

⁴ No original: “the lexical meaning of a pronoun determines the interpretation of its antecedent” (MACKAY; FULKERSON, 1979, p. 661).

gênero. No inglês, por exemplo, usa-se a forma *he* (ele) como a genérica, representando tanto homens quanto mulheres. A ideia dos autores surge com foco no uso supostamente neutro, genérico, de referentes como *homem* e *ele* quando ambos os gêneros são pretendidos (FISK, 1985).

MacKay e Fulkerson (1979) realizaram uma série de testes com falantes graduandos da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), de modo a observar as hipóteses. Seus resultados provêm uma evidência contra a hipótese do pronome substituto, dando suporte a hipótese da dominância pronominal, pontuando que os pronomes aderem significados aos seus antecedentes, além de que o uso de referentes como *homem* e *ele* para se referir a ambos os sexos leva os falantes a pensar apenas no gênero masculino.

Fisk (1985), desenvolvendo um estudo com crianças do jardim e da primeira série, observou que elas não sinalizaram o uso de *he* como se fosse genérico, neutro. As crianças faziam o uso marcando o valor semântico de masculino. Segundo o autor, “esse achado estende a pesquisa anterior com estudantes universitários ao jardim de infância e alunos da primeira série, mostrando que eles também dão respostas baseadas no gênero masculino ao uso de “ele” em uma representação neutra” (FISK, 1985, p. 484, tradução nossa⁵).

O mesmo foi observado na pesquisa de MacKay (1980). Nesse estudo, o autor procurou verificar se os participantes reconheciam o pronome *he* como referente a ambos os gêneros ou se eles faziam apenas relação ao gênero masculino. Para tanto, os participantes tinham que ler parágrafos contendo o *he*, referindo-se a antecedentes neutros, como *person* (pessoa) e *writer* (escritor). Por meio disso, o autor poderia avaliar se os falantes atribuíam ao *he* valor neutro ou atribuíam valor masculino. Seus achados corroboram com os encontrados por

⁵ No original: “this finding extends the previous research with college students to kindergarten and first graders, showing that they too give malebiased responses to the use of “he” in an otherwise neutral presentation” (FISK, 1985, p. 484).

Mackay e Fulkerson (1979) e “sugerem que pronomes fazem mais do que substituir nomes” (MACKAY, 1980, p. 447, tradução nossa⁶), visto que 80% dos informantes compreendem os antecedentes neutros de *he* como masculinos do que como masculino e feminino.

No português, o *ele* também pode ser utilizado para marcação genérica, principalmente com nomes comuns de dois gêneros, nomes que se referem ao gênero feminino e ao gênero masculino, sem alterar o seu termo:

- (8) Ser dentista é muito importante. Ele trabalha cuidando da saúde bucal.

No exemplo em (8), *ele* é utilizado de forma genérica para retomar o nome *dentista*. Em português, esse nome é descrito como comum de dois gêneros, visto que não há flexão que indique se é masculino ou feminino. A marcação será feita ora pelo elemento que o antecede, como artigos e demonstrativos, ora pelos elementos que os acompanham, como adjetivos. Essa genericidade também pode ser feita por meio dos possessivos de 3P, conforme exemplo em (9):

- (9) Policial de folga também cuida da *sua* segurança.

Em (9), há a presença do nome *policial*, que não possui flexão de gênero. Há, em seguida, a realização do possessivo de 3P *sua*, cujo referente é o nome *policial*. Se formos considerar a genericidade, o pronome possessivo em (9) é parte da hipótese do pronome substituto, visto que ele não contribui para a construção do sentido do referente. Se a leitura a ser feita for de que o referente é apenas do gênero masculino, ocorre a afirmação da hipótese da dominância pronominal, já

⁶ No original: “suggest that pronouns do more than just stand for nouns” (MACKAY, 1980, p. 447).

que o nome não carrega traços que provem o contrário. Outros contextos ajudam na utilização do pronome como dominante, conforme (10):

(10) Socorrista descobre no local do acidente que um dos mortos era o pai *dela*.

O pronome *dela*, em (10), desencadeia a interpretação do nome *socorrista* como feminino, havendo a dominância pronominal, com o pronome ajudando na construção do sentido.

A hipótese da dominância não ocorre somente através da marcação de gênero, mas também em discursos longos, no qual há a perda de referentes, visto que é comum haver confusão na colocação dos pronomes. Em sentenças como em (11), a perda do referente levou a colocação de um pronome diferente, fazendo-o agir como determinante da construção de sentido.

(11) Eu gosto de **inglês** porque é falado em diversos países e eu gosto muito de viajar. Por isso, o uso *dela* é extremamente importante.

No exemplo, o assunto é o *inglês*. No entanto, por ser uma sentença longa, houve a perda do referente por meio da marcação do pronome *dela*, cujo gênero gramatical é feminino e difere do seu referente.

Em nosso estudo, buscamos analisar as ocorrências da forma *dele* e variantes levando em consideração a sua função pronominal quanto às hipóteses propostas por MacKay e Fulkerson (1979), com base em ocorrências como (11), já que em discursos longos pode ocorrer a perda do referente, resultando na utilização de formas masculinas para a recuperação de seus referentes. Caso isso ocorra, confirmamos a hipótese da dominância pronominal.

4 MÉTODO E CONJUNTO DE DADOS

Para a realização desta pesquisa, selecionamos 34 entrevistas do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), com falantes de Aracaju, Itabaiana e São Cristóvão, coletadas nos *campi* da Universidade Federal de Sergipe localizados nas respectivas cidades. As entrevistas, que duram entre 40-60 minutos, foram guiadas por um roteiro com questões amplamente dissertativas, como temas relacionados à educação, saúde, etc. Todas as entrevistas foram transcritas e alinhadas por meio do *software* ELAN (HELLWING; GEERTS, 2013) e transformadas em arquivos .txt para a extração das ocorrências do fenômeno.

Para a codificação dos dados, usamos como variáveis independentes: *animacidade do referente* (pessoa e não pessoa), *distância* (mesmo turno ou mesma sentença), *antecedente semântico* (individual, genérico, quantitativo ou instituição) e, a principal, *função pronominal* (pronome substituto ou pronome dominante).

Como método para a análise e descrição dos dados, recorreremos à estatística descritivo/inferencial, de modo a observar as frequências dos dados e inferir sobre associações entre a distribuição da variável resposta (os pronomes *seu/dele*) e as variáveis independentes, de natureza linguística. Para cada variável, fizemos teste de qui-quadrado, para observar se a frequência obtida é efeito do acaso ou se há interferência da variável independente sobre a distribuição. O teste de qui-quadrado nos dá um p-valor, que é comparado com nosso valor de α , 0.05: um p-valor igual ou maior que 0.05 demonstra que a distribuição é efeito do acaso, não há associação entre os dados; um p-valor menor que 0.05 demonstra que a distribuição não é efeito do acaso, no qual pontuamos o efeito da variável independente sobre a variável resposta. Para medir a associação, usamos o V^2 de Cramer, que vai de 0 a 1, em que 0 representa a ausência de associação, numa escala na qual 1 é o nível mais forte de associação.

Para a análise estatística e a geração das figuras, utilizamos a plataforma R (R CORE TEAM, 2018), com auxílio da interface RStudio, por meio do pacote *ggstatsplot* (PATIL; POWELL, 2018), que permite a criação de gráficos com detalhes de testes estatísticos. Na seção que segue, apresentamos nossos resultados e discussões, inicialmente das variáveis independentes e, por último, da variável *função pronominal*.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a codificação dos dados, obtivemos um total de 392 realizações do fenômeno. Dessas realizações, 50% são para a forma *dele* (197/392), como em (12), e 50% (195/392) para a forma *seu*, como em (13), expostos na Figura 1.

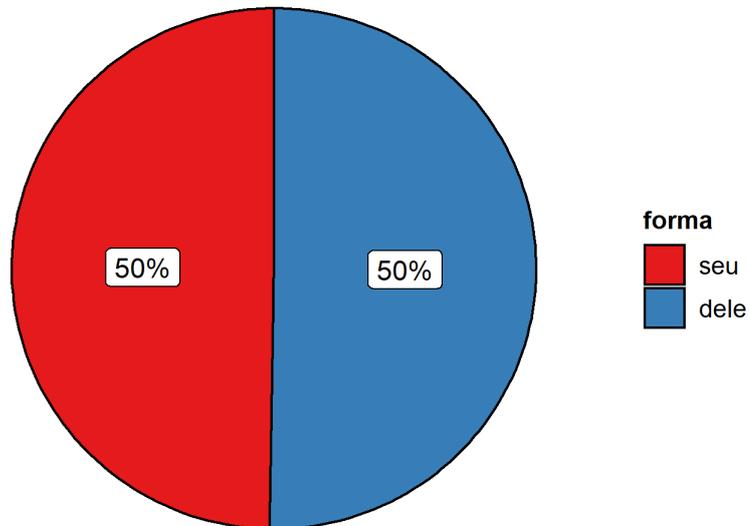
(12) a gente tem uma relação de trabalho onde eu procuro sempre valorizar o trabalho *dele*.⁷

(13) um determinado povo vive eh o eh *sua* cultura é.

⁷ Os exemplos utilizados a partir daqui são retirados de nosso *corpus*. Por não utilizarmos variáveis extralinguísticas para a descrição do fenômeno, removemos as informações relativas aos informantes. Além disso, os exemplos estão transcritos conforme protocolos de transcrição do banco Falares Sergipanos (FREITAG, 2013).

Figura 1 - Distribuição de *seu/dele* no falar universitário de Sergipe.

$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 0.01, p = 0.920, \hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.00, \text{CI}_{95\%} [0.00, 0.00], n_{\text{obs}} = 392$$



Fonte: Elaborada pelos autores.

Diferentemente dos dados orais de Oliveira e Silva (1982; 1996) e Soares (1999), nos quais há uma grande diferenciação entre as variantes, obtivemos igualdade nas frequências, visto que ambas as formas representam 50%. Em questão de números de ocorrência, a forma *dele* é a mais utilizada, com apenas duas realizações de diferença. Em nossos dados, com base no falar universitário de Sergipe, há uma homogeneidade na distribuição das variantes de 3P. Observando a distribuição de nossa variável dependente, passamos para a observação das variáveis independentes.

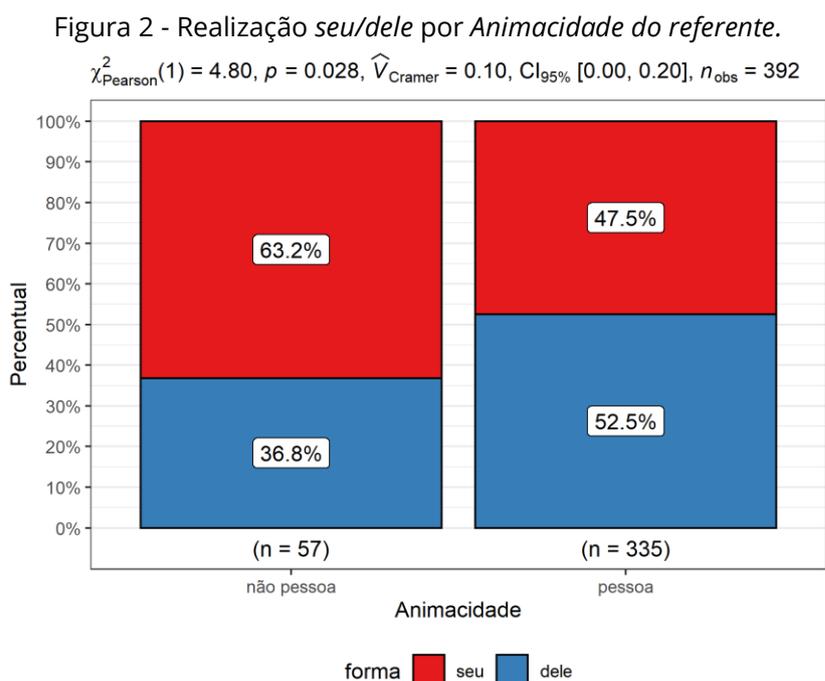
5.1 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Adotamos, em *animacidade do referente*, dois níveis para caracterizar o SN que o possessivo referencia: *não pessoa* e *pessoa*. Nos traços de *não pessoa*, consideramos objetos concretos, nomes abstratos, animais, etc., como em (14). Já

em *pessoa*, consideramos traços humanos, como parentesco, relações sociais, etc., em (15)

(14) porque o que eu acho que a igreja vende é fé vende a esperança o produto *deles* entendeu?

(15) pra melhorar a funcionalidade do indivíduo pra ele conseguir fazer *sua* atividade diária.



Fonte: Elaborada pelos autores.

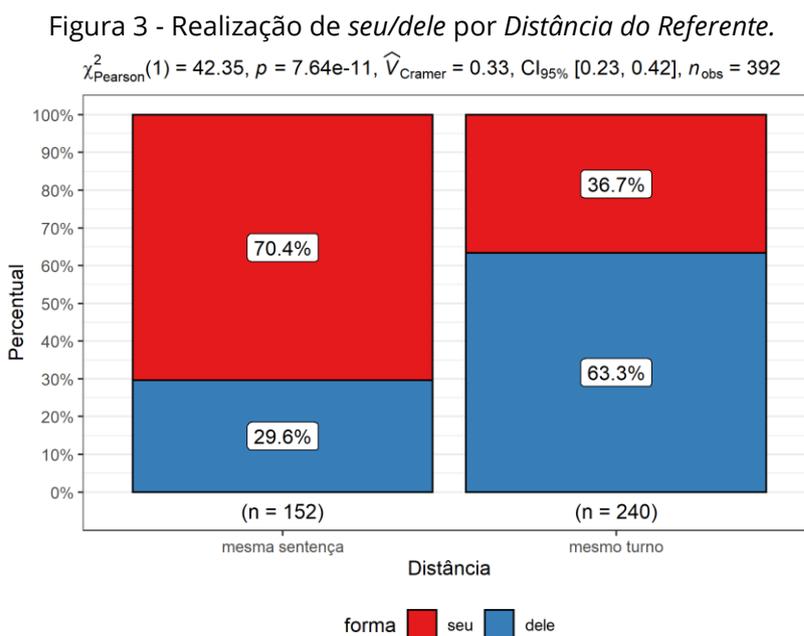
A frequência do possessivo *dele* é maior quando a animacidade do referente é de *pessoa* (52,5% n= 179) do que quando a animacidade do referente é de *não pessoa* (36,8% n= 21), na qual há predomínio da variante *seu* (63,2% n= 36). Essa diferença é estatisticamente significativa, confirmada pelo valor de qui-quadrado, em que $\chi^2(1, N= 392) = 4.80, p = 0.028$, com associação fraca ($V^2 = 0.10$). No português universitário de Sergipe, o predomínio de *dele* ocorre quando o elemento ao qual o possessivo referêcia é de *pessoa*. Referentes *não pessoa* tendem a ser retomados pelo possessivo *seu*.

Nossos resultados quanto à animacidade do referente são similares aos de Oliveira e Silva (1982), nos quais *dele* é mais recorrente para possuidores [+humanos] e menos recorrente para possuidores [-humanos], o que legitima o que encontramos em nossos dados.

A segunda variável independente diz respeito à distância entre o possessivo e seu referente. Para tanto, separamos entre *mesma sentença*, quando o referente está na mesma sentença que o possessivo, como em (16), e *mesmo turno*, quando está presente no turno atual do falante e não há interrupção do documentador, como em (17).

(16) pra o Miranda eu fui com minha vizinha porque eu era babá *dela*.

(17) se a pessoa chega num grupo disposto aberto disposto a a receber pessoas né? Pra *sua* convivência.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Nesta variável, a frequência do possessivo *dele* é maior quando utilizado para retomar um referente no *mesmo turno* (63,3% n= 152), do que quando

utilizado para retomar um referente na *mesma sentença* (29,6% n= 45), na qual há predomínio da forma *seu* (70,4% n= 107). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(1, N= 392) = 42.35, p < 0.001$), com associação fraca ($V^2 = 0.33$). Com isso, a variante *dele* retoma referentes mais distantes, enquanto *seu* retoma referentes mais próximos a si.

Esse comportamento ocorre porque a variante *dele* possui uma ligação mais direta com seu antecedente, dada a concordância em número e gênero (os meninos> as coisas deles), diferentemente de *seu* que não possui esse comportamento, concordando apenas com o SN possessivo (os meninos> as suas coisas). Os falantes, em busca de retomar referentes mais distantes, escolhem, inconscientemente, uma forma que possui essa ligação direta, na medida em que o uso de *seu* tende a ser mais próximo.

A terceira variável independente, *antecedente semântico*, foi feita com base no apontamento de Müller (1997) sobre a classificação do valor semântico dos possessivos adotados por Almeida (1993)⁸. Para Müller (1997), essa classificação não é livre de problemas. Essa problemática se daria pela classificação entre *específico*, *não-específico* e *genérico*, na qual haveria dificuldade em determinar quais elementos se enquadram nesses pontos. De modo a evitar confusões, dividimos os referentes em quatro níveis quanto ao seu traço semântico: *genérico*, em (18), *individual*, em (19), *instituição*, como (20) e *quantitativo*, em (21). Os resultados são apresentados na Figura 4.

(18) quando cê tá conversando com **o paciente** você explora não só a dor física *dele* o que ele tá sentindo.

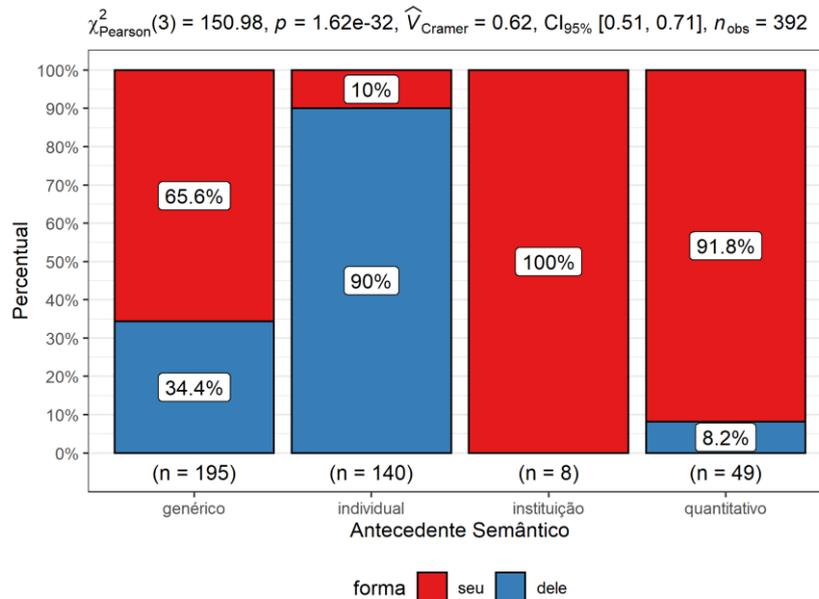
(19) quando eu estiver lá com **os alunos** porque eu já ô percebendo como eles como eles são né? como é o dia a dia *deles* lá.

⁸ Uma melhor discussão sobre essa variável foi feita em Freitag e Siqueira (2018).

(20) como o **Google** trabalha com o mundo inteiro precisa... traduzir todos os *seus* serviços.

(21) a quantidade ofertada de atividades eh- extra- acadêmicas que a **maioria delas** são frequentadas pelos alunos.

Figura 4 - Realização de *seu/dele* por Antecedente semântico.



Fonte: Elaborada pelos autores.

O antecedente semântico *instituição* ocorre apenas 8 vezes, categoricamente com o possessivo *seu*. A frequência do possessivo *dele* é maior quando o antecedente semântico é *individual* (90% n= 126), do que com o antecedente *genérico* (34,4% n= 67) e *quantitativo* (8,2% n= 4), nos quais há predomínio de *seu* (65,6% n= 128 e 91,8% n= 45, respectivamente). Essa diferença é estatisticamente significativa, em que $X^2(3, N= 392) = 150.98, p < 0.001$, com associação média ($V^2 = 0.62$). O possessivo *dele* retoma antecedentes individuais do mundo físico. Quando o antecedente é genérico, uma instituição ou quantitativo, há baixa realização da variante, sendo, preferencialmente, retomado pela variante *seu*.

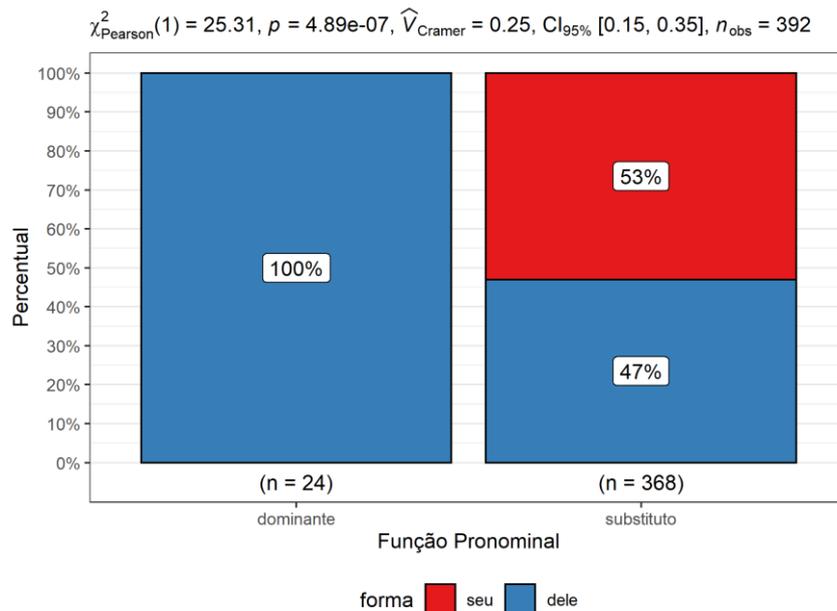
Isso nos leva a predizer que a variante *dele* é uma variante correferencial, como aponta Müller (1997), considerando também sua distribuição nas demais variáveis preditoras, *animacidade do referente* e *distância do referente*, nos quais a variante *dele* tende a ter uma ligação mais direta com referentes estabelecidos no discurso, enquanto a variante *seu* é uma variante presa, retomando elementos [-pessoa], mais próximos, e [-específicos].

Sendo *dele* uma variante correferencial, é presumível que atue na construção do sentido da sentença, conforme pontuamos na seguinte seção.

5.2 FUNÇÃO PRONOMINAL

Vimos que os pronomes ora são assumidos como semanticamente vazios, substitutos de seus antecessores, com sentido por eles determinado, ora agem como determinantes na construção do sentido, em que seu significado determina seu antecessor. Considerando as hipóteses em MacKay e Fulkerson (1979), separamos os possessivos por duas funções pronominais: pronomes substitutos e pronomes dominantes (Figura 5).

Figura 5 - Variação *seu/dele* por *Função Pronominal*.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Há predomínio do possessivo como substituto, com 368 casos, representando 94% da distribuição. Desses valores, 47% (n= 173) são para a forma *dele*. Quanto à hipótese de dominância, todas as ocorrências foram com a variante *dele* (100% n= 24), o que já era esperado. O valor de qui-quadrado ($X^2(1, N= 392) = 25.31, p < 0.001$) confirma a significância da variável independente *função pronominal*, o que demonstra que há interferência desse fator sobre a distribuição da variável dependente, com associação fraca ($V^2 = 0.25$). Ocorrências com a forma *dele* como pronome dominante podem ser vistas em (22), (23) e (24):

(22) eu vou no no prédio da enfermagem pra usar o banheiro *deles* que o banheiro *deles* é melhor.

(23) minha linha é essa eu vejo como é a turma e vejo até que ponto eu posso me aproximar *deles* tem turma do período passado que eu sou amiga *deles*.

(24) então a minha família toda acolhe de braços abertos é como se fosse uma realização minha mas mais ainda *deles*.

Nas sentenças (22), (23) e (24), os usos da variante *dele* estão referenciando antecedentes que não estão sintaticamente explícitos na sentença. Em (22), *deles* está se referindo às pessoas que usam o prédio de enfermagem, nesse caso, marcado pela forma masculina; em (23), *deles* se refere aos alunos da turma; e, em (24), *deles* se refere às pessoas da família da informante, também marcado em masculino. Nos três casos, é o possessivo o articulador da construção de sentido e é ele que emprega a interpretação do referente, agindo como determinante na construção de sentido. Em outras palavras, é o possessivo que nos faz compreender quem é o referente, visto que ele não está presente no enunciado.

Os usos do possessivo *dele* em (22), (23) e (24) tendem a retomar referentes mais genéricos. Ainda assim, a marcação para essa retomada é feita com base no gênero gramatical masculino. Mesmo que em (22) e (24) os usos de *dele* se refiram a *pessoas*, o uso foi feito por meio do pronome no masculino. Com a leitura dos referentes sendo feita apenas com base no gênero masculino, ocorre a afirmação da hipótese da dominância pronominal.

Notamos, então, que, embora possa agir como substituta, a variante *dele* também age como dominante, contribuindo para a construção de sentido, determinando a interpretação de seus referentes. Nos dados em questão, essa funcionalidade é produtiva, mesmo que em baixos números. Consideramos, contudo, que aqui fizemos uma discussão apenas em relação à produção com referentes genéricos em discursos longos. Cabe a realização de testes de julgamento, como em MacKay e Fulkerson (1979), Fisk (1985) e MacKay (1980) para observar se no português os falantes também tendem a interpretar como masculino referentes genéricos, determinados por meio dos pronomes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observamos os usos de *seu* e *dele* referentes de 3P por meio da fala de estudantes universitários da UFS. Após a análise, observamos a frequência percentual de 50% para ambas as variantes. Observamos também o comportamento do possessivo *dele* com base em sua função pronominal. Embora pontue-se que os possessivos são semanticamente vazios, estabelecendo relações entre elementos do mundo, em nossos dados vimos que a variante *dele* também determina a construção do sentido.

Quanto às demais variáveis independentes, vimos que esses pronomes parecem estar inseridos em uma distribuição complementar, uma especialização de cada forma, na medida em que *dele* age mais como variante correferencial, enquanto *seu* é uma variante presa, conforme pontuado em Müller (1997).

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2015.

BENVENISTE, É. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 3. ed. Campinas, Sp: Pontes, 1995. Cap. 20. p. 277-285.

CAMARA JR., J. M. **Princípios de Lingüística geral**, 4.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FISK, W. R. Responses to "neutral" pronoun presentations and the development of sex-biased responding. **Developmental Psychology**, v. 21, n. 3, p. 481, 1985.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K.; SIQUEIRA, M. Ainda sobre possessivos de terceira pessoa no português brasileiro. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 4, n. 2, p. 32-44, 2018.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

MACKAY, D. G.; FULKERSON, D. C. On the comprehension and production of pronouns. **Journal of Verbal Learning & Verbal Behavior**, 18(6), p. 661-673, 1979.

MACKAY, D. G. Psychology, prescriptive grammar, and the pronoun problem. **American Psychologist**, v. 35, n. 5, p. 444, 1980.

MÜLLER, A. L. P. A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele. **Revista da ANPOLL**, Niterói, n. 3, p. 11-32, 1997.

MÜLLER, A. L. P. Anáfora pronominal. **Revista Letras**, v. 56, dez. 2001. ISSN 2236-0999. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v56i0.18416>.

NEVES, M. H. M. Os pronomes. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). **Gramática do português culto falado do Brasil: Classes de palavras e processos em construção**. v.2. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. p. 507-622.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro**, 1982. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Estertores da forma seu de terceira pessoa na língua oral. In: SILVA, G. M. O, SCHERRE, M. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro**, p. 169-146, 1996.

PATIL, I.; POWELL, C. **GGSTATSPLOT: "ggplot2", Based Plots with Statistical Details**, 2018. Disponível em: <https://github.com/IndrajeetPatil/ggstatsplot>. Acesso em: 04 set. 2021.

R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: <https://www.r-project.org>. Acesso em: 06 out. 2020.

SILVA, M. L. S. **Varição dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu (a) (s)/ dele (a) em Natal-RN**: aspectos sociais e estilísticos. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2016.

SIQUEIRA, M. O controle de traços semântico-pragmáticos sobre possessivos no português. **Entrepalavras**, v. 11, n. 1, 2021, p. 1-22. DOI: doi.org/10.22168/2237-6321-12026.

SOARES, A. S. F. **Segunda e Terceira Pessoa - o pronome possessivo em questão**: uma análise Variacionista. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

Recebido em: 16/06/2021

Aprovado em: 23/06/2021